Um francês, um brasileiro, um português: tensões luso-brasileiras na obra de Emile Carrey

Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro
UFAM

ROMPENDO COM PORTUGAL EM 1822, o Império do Brasil não contou de imediato com as Províncias do Extremo Norte. Ancorada numa tradição de vida autônoma em relação ao Brasil, a Província do Grão-Pará manteve-se fiel à metrópole, ignorando os acontecimentos de Sete de Setembro.[1] As elites econômicas do Grão-Pará, formadas em grande parte por comerciantes e proprietários de terras oriundos de Portugal, tentaram ignorar o Brasil independente, mas o emancipacionismo já se havia incorporado ao jargão de setores da sociedade paraense, em especial dos círculos políticos liberais daquela província.

Sabemos todos que o que sucedeu então no Grão-Pará é um movimento inusitado: Pressionados pelas tropas mandadas por Pedro I, em Belém, as juntas governativas pró-Portugal aderiram ao Império do Brasil e foram mantidas no poder. O acordo de cúpula fez com que um discurso antilusitano dos liberais fosse se tornando cada vez mais radical e passasse a propor a expulsão e expropriação dos portugueses, e a fomentar ações de violência extremada contra eles. Como registrou Arthur Reis, em Belém, "insultavam-se os portugueses em papeluchos pregados às portasde suas residências... A situação estava perdida para os que se mantinham fiéis à Portugal e teimavam em ignorar a situação no realismo em que ela se abresentava".[2]

As contradições entre brasileiros e portugueses, agudizadasapós 1831, ganharam forte expressão naquele que foi o mais impactante movimento social da história da Amazônia, a Cabanagem, imprimindo nele as dimensões nativistas, bastante valorizadas pela historiografia do tema.[3] Todavia,

1 REIS, Arthur Cezar Ferreira. "O Processo de Independência no Norte". In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 187-204.

2 *Ibidem*, p. 202-203.

3 PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Visões da Cabanagem: uma revolta popular e suas representações na historiografia*. Manaus: Valer, 2001, p. 63-88.

as tensões luso-brasileiras perduraram no Pará até o fim do século XIX, e seus ecos reverberaram por diversos registros que nos chegaram do passado.[4]

Um registro importante de tais dilemas e contradições emergiu na variada gama de relatos de viajantes que estiveram na Amazônia ao longo do século XIX, tornando comum entre os historiadores o recurso à obra demissionários, historiadores e naturalistas estrangeiros, estes dois últimos, em particular, foram valorizados por serem homens de ciência e, portanto, observadores atentos e perspicazes da conflitiva realidade amazônica que procuraram descrever. Além da fluidez do estilo narrativo, muitos destes trabalhos têm o mérito de agregar opiniões e sensações externadas por alguns seus interlocutores, incluindo-se ai até mesmo pessoas comuns do povo.[5]

Neste particular, pode-se tomar como exemplo, o destaque que tem sido atribuído à *História do Brasil*, de Gottfried Heinrich Handelmann, obra publicada primeiramente em Berlim, em 1860. Handelmann, na verdade, nunca esteve no Brasil ou no Grão-Pará, estudando-os a partir das fontes inglesas e alemães de que dispunha. Mesmo sem romper com as perspectivas elitistas da época, o autor apontava para a existência de contradições mais profundas (seculares mesmos) em toda a Amazônia da primeira metade do século XIX, que, inclusive, aflorariam na Cabanagem de forma irreversível. Sua argumentação, a princípio factual e simplista, preconizava que "o verdadeiro motivo era o ódio dos brasileiros contra os portugueses";[6] mas logo seus argumentos se ampliavam consideravelmente e atingiam uma densidade que os autores brasileiros da época foram incapazes de apresentar:

> Todavia essa feição primitiva apagou-se, quando os chefes das revoltas chamaram às armas as populações índias meio selvagens, os tapuias, e a sublevação apresentou-se como uma guerra de índios contra os brancos, dos destituídos de bens contra os que possuíam bens... a guerra dos sem terra (índios) contra os proprietários (brancos)...[7]

4 Cf. VAQUINHAS, Irene Maria. "'Fora Galego': Um caso de antilusitanismo no Pará na década de setenta do século XIX". In: ALVES, Jorge Fernandes (coord.). *Os "brasileiros" da emigração*. Lisboa: Edições Imparciais Ltda, 1989, p. 80-91. Há, contudo, poucos estudos sobre o tema, notadamente para os distúrbios antilusitanos havidos no "sertão" amazônico. Assim, a violenta perseguição e morte de comerciantes portugueses ocorrida na pequena cidade de Itacoatiara, no Amazonas, em 1974, aguarda estudo adequado, embora tenha sido alvo de registro consular intenso, como se vê em: PERCHEIRO, D. A. Gomes. *Comendador e Barão: Documentos para a História dos Consulados Portugueses no Império do Brazil*. Lisboa: Lallemant Frères, 1877 e *Questões do Pará: História dos tumultos contra os portugueses em 1874*. 1 vol. (BNL- HG 21088p ou HG 15552p).

5 Exemplifica esse conjunto, obras como as de: AGASSIZ, Luiz e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil, 1865-1866*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975; AVÉ-LALLEMANT, Robert. *No Rio Amazonas (1859)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980; BATES, Henry Walter. *Um Naturalista no Rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979; COUDREAU, Henri. *Viagem ao Tapajós*. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977; OSCULATI, Gaetano. "De Tabatinga a Belém (1847)". In: ISENBURG, Teresa (org.). *Naturalistas italianos no Brasil*. São Paulo: Ícone, 1990, p. 139-202; SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philip von. *Viagem Pelo Brasil (1817-1820)*. 3 vols. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1981; WALLACE, Alfred Russel. *Viagens Pelos Rios Amazonas e Negro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.

6 HANDELMAN, Heinrich. *História do Brasil*. 4ª ed. 2 vols. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982, p. 261.

7 *Ibidem*, p. 262.

Apresentando o trabalho de Handelmann, Arthur Reis lhe atribuiu o mérito de ter sido "o primeiro historiador a olhar a Cabanagem como um movimento social de grande significado".[8] Parece justo enfatizar que, na verdade, ele se apropriou, em mais de uma ocasião, das noções, argumentos e observações contidas em narrativa do missionário norte-americano Daniel Parish Kidder.

Ao contrário de Handelmann, Kidder esteve no Pará e demonstrou ser um atento observador da situação local. A trajetória de suas análises guarda também uma grande semelhança com a estabelecida pelo escritor alemão, uma vez que começando por enfatizar a "matança indistinta de portugueses", logo em seguida mergulha nas profundezas dos conflitos sociais da Província, ao argumentar que não via "nesse estado de coisas senão os frutos da violência que desde o início da colonização do Pará pelos portugueses se praticou contra o índio desprezado".[9] Em sua obra, a Cabanagem foi, portanto, apresentada como um ato de vingança instintiva, uma reação natural dos índios frente a séculos de espoliação lusitana na Amazônia: "O íncola, inocente e inofensivo, foi perseguido e caçado até o mais íntimo recesso de seu habitat silvestre, como se fora um animal qualquer. Assim a iniqüidade triunfou, mas foi efêmero o seu domínio, pois terrível retribuição lhe reservou o homem das selvas".[10]

Penso que a obra literária de Emile Carrey, fruto de suas observações de viajante no Grão-Pará do contexto da Cabanagem intui e externou muitas dessas dimensões. Contudo, sua obra pouco atraiu a atenção dos historiadores brasileiros.

Com efeito, as obras ditas literárias e, em especial, o romance histórico – gênero que se consagrou no século XIX – mantiveram-se por muito tempo afastadas da abordagem historiográfica, seja pelo fato de sua natureza ficcional conflitar noções mais restritas de documento adotadas pelos historiadores do passado, seja igualmente por conflitar com as expectativas de objetividade e cientificidade que tais historiadores assumiam.

Como enfatiza Durval Muniz de Albuquerque a postura historiográfica mostrava-se também refratária à literatura por ancorar-se no argumento de que

> Aos historiadores caberia a abordagem dos fatos e só aos escritores seria permitida a ficção, entendida como invenção dos eventos que narra. A História teria como compromisso a procura da verdade, a Literatura poderia ser fruto da pura imaginação.[11]

Tais posturastornavam a narrativa literária imprestável à elucidação objetiva dos eventos passados.

---

8 ROCQUE, Carlos (org.). *Antologia da Cultura Amazônica,* vol. 4. Belém: Amazônia Edições Culturais, s/d, p. 156.

9 KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil.* Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980, p. 215-216.

10 *Ibidem*, p. 217.

11 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado – ensaios de Teoria da História.* Bauru: Edusc, 2007, p. 44.

As mutações recentes da disciplina História aproximaram significativamente os dois campos, permitindo – para além do uso mais franco da literatura como fonte histórica – o diálogo e a franca interação. Neste processo de aproximação, um primeiro ponto destacado partiu do reconhecimento de similaridades nada desprezíveis entre os campos. Dessa forma, Edward Foster, reconhecendo ser a História a base do romance, lembrava que, inversamente, "a história é uma narrativa de acontecimentos dispostos em sequencia no tempo".[12]

Sem descuidar do reconhecimento de suas dimensões ficcionais, as interações da Literatura com a História mostravam-se todavia, mais efetivas no âmbito do romance histórico, em especial pelo fato deste valorizar amplamente o uso de contextos, personagens e situações concretas. É nesse sentido que caminha o argumento de Antonio Celso Ferreira para quem

> Os enredosdessas obras, ora mais fantasiosos ora mais realistas, obedeciam a um modelocomum no qual a história, tratada com certa fidelidade aos acontecimentos epersonagens reais, bem como colorida com alguma glória, era o pano de fundopara a ação dos personagens ficcionais.[13]

Contudo, não apenas a Literatura se abria para o diálogo franco com a História, como também esta disciplina repensou sua natureza e suas práticas, abrindo-se, nos últimos cinquenta anos, para novas dimensões e abordagens, muitas vezes chegando, como nas leituras pós-modernas, às raias da diluição efetiva das fronteiras.

> Os historiadores ligados ao *linguistic turn* colocaram em dúvida os limites convencionais aceitos entre arte, ciência e filosofia, ficção e verdade, narrativa histórica e narrativa literária. Hayden White foi quem levou mais longe esse movimento de diluição de fronteiras entre os discursos, ao propor que as narrativas históricas são "ficções verbais, cujos conteúdos são tão inventados como descobertos, e cujas formas têm mais em comum com suas contrapartidas na literatura do que na ciência".[14]

---

12 FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 21. Para Sandra Pesavento um inventário básico das diferenças passaria pela percepção de que "o historiador busca recriar o que teria se passado um dia, e o escritor de literatura cria um enredo que poderia ter ocorrido. Nesse sentido, ambas as representações são plausíveis e tratam de convencer o leitor e transportá-lo a um outro tempo, mas só o historiador empenha-se em demonstrar que a sua versão não apenas "poderia ter sido", mas "efetivamente foi" (PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999, p. 13).

13 FERREIRA, Antonio Celso. "Literatura: a fonte fecunda". In: PINSKY, Carla Bessanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 75-76.

14 *Ibidem*, p. 77.

Parte significativa dos historiadores contemporâneos lançou-se à reflexão deste diálogo entre campos disciplinares sem, contudo, aceitar os postulados niveladores da abordagem pós-moderna. De forma mais profícua, o diálogo da História Social com o campo literário tem buscado, como proposto por Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira, para a adoção de um "pressuposto materialista de análise" cuja proposta de ação caminharia no sentido de:

> Historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance –, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo. Em suma, é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico.[15]

Essa é a matéria que dá corpo a contribuição literária de Emille Carrey, escritor e viajante francês ainda pouco conhecido e estudado no Brasil e cuja volumosa obra joga luzes significativas ao contexto paraense do século XIX, em especial ao período marcado pela Cabanagem, movimento que ele explora em vívidas cores naquela que seria, como sustenta Francisco Foot Hardman, a primeira tentativa de ficcionalização do movimento cabano.[16]

Ainda há pouca informação sobre ele e as condições efetivas em que produziu suas obras. F. F. da Silva Vieira, o tradutor e anotador da obra de Emille Carrey em Portugal, contribuiu, inclusive, para jogar dúvidas sobre o processo de produção da obra, como quando menciona que o autor, tentando desviar de si a responsabilidade pelos juízos depreciativos aos portugueses e brasileiros que pululam em sua abra, teria argumentado que ela não era fruto de sua observação direta, "mas sim escripta sob as indicações d'ummanusctipto, que lhe fôra dado por um seu compatriota a quem encontrara vivendo vida solitária nas visinhanças de Marajó".[17]

Contudo, as pesquisas mais recentes tem ajudado a elucidar um pouco mais a questão. Sabemos, por exemplo, que Emille Carrey foi advogado e que atuou ativamente na burocracia estatal francesa durante a Segunda República, antes de se envolver em missões diplomáticas que o lançaram a diversas viagens pela América do Sul, incluindo-se ai, sua passagem por Belém, em companhia de um irmão.

15 CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo (orgs.). *A história contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 7.

16 HARDMANN, Francisco Foot. *A vingança da Hiléia: Euclídes da Cunha, a Amazônia e a Literatura Moderna.* São Paulo: Editora da Unesp, 2009, p. 58. Não escapou à observação do autor o fato de que "o tradutor e anotador F. F. da Silva Vieira da edição portuguesa comete vários cortes e adulterações no texto de Carrey".

17 CARREY, Emille. *Os mulatos do Marajó.* Lisboa: Typografia do Futuro, 1862, p. 40.

Em seu retorno à terra natal, Carrey dedicou-se ao mundo das letras e à política, tornando-se deputado no parlamento francês já durante a Terceira República.[18]

Sua obra sobre a Amazônia se espraia em quatro volumes, que fez publicar entre os anos de 1856 e 1872. De acordo com Remy Lucas, professor da Universidade de La Rochelle, o primeiro destes volumes, *Huit Jours Sous L'Equateur*, publicado em 1856, em Paris, destoa dos demais por ser menos romanceado e mais próximo às tradicionais descrições de viagens que, com grande didatismo, produzem uma apresentação geral da região, repleta de comentários acerca do meio físico, político e social.[19]

Suas três obras seguintes enquadram-se mais pontualmente no gênero romanesco, trazendo como personagem central Henri Monford, um francês que Carrey teria conhecido em viagem que fizera do Pará a Caiena. Duas dessas obras, *Os Mulatos de Marajó* e os *Revoltosos do Pará* foram traduzidas para o portuguêspor Silva Vieira e publicadas em 1862 pela Tipografia do Futuro, em Lisboa, sendo esta, até hoje, a única edição que as obras receberam em língua portuguesa.

Há indicativos de que os livros foram acolhidos com entusiasmo pelo público francês, já que antes mesmo do lançamento da edição portuguesa, haviam recebido uma segunda edição francesa. Lucas sugere que os romances de Carrey foram importantes no processo de fixar o exotismo amazônico no imaginário da população francesa, influenciando, inclusive, a idealização de *A Jangada*, como o próprio Júlio Verne externaria posteriormente.[20]

Nada mais antagônico à acolhida da obra de Carrey na França do que a recepção que seus livros receberam em Portugal e no Brasil. Crítico ferino das instituições políticas vigentes no Brasil e portador de uma visão extremamente preconceituosa sobre o conjunto da sociedade brasileira, Carrey atraiu raivosa reação por parte de expoentes da nossa historiografia, que o execraram como "novelista sem nenhum fulgor intelectual". Sintetizandotal animosidade, Basílio de Magalhães, esbravejava: "Além da mancheia de insultos e ridículos, vomitados sobre a nossa pátria por esses grosseiros romances, tudo o mais que deles consta é de todo imprestável a quaisquer respigas de dilucidação histórica".[21]

Tendo feito da ação portuguesa no Pará um dos alvos prediletos de sua narrativa, era de esperar que Carrey fosse recepcionado com alguma oposição e esta, de fato, se fez de imediato, entranhando-se incisivamente no próprio texto da edição portuguesa, a partir de uma sequencia de notas em que o tradutor Silva Vieira rebatia, por vezes com profunda ironia e sem polidez, as frequentes passagens em que Portugal e os portugueses eram estigmatizados pelo autor. Essa postura refratária já se explicita na apresentação do volume, quando Silva Vieira, argumentando ser compreensível que Carrey não se sentisse obrigado a "poupar os brasileiros, e muito menos os portugueses residentes no Brazil", uma vez que escrevia para o público de seu país, alertava, todavia, que

---

18 Apresentação de Muniz Sodré no Portal Digital "*A França no Brasil*: O Brasil na literatura francesa no século XIX". Disponível em: <http://bndigital.bn.br/francebr/romance_brasileiro.htm>. Acesso em: 20 abr. 2012.

19 LUCAS, Rémy. "L'émigracion Française dans la Tétralogie Romanesque d'Émile Carrey". In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (dir.). *Les Français au Brésil: XIXe-XXe siècles*. Paris: Les Indes Savantes, 2011, p. 46.

20 *Ibidem*, p. 45.

21 MAGALHÃES, Basílio de. "A Cabanagem". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 171, 1936, p. 303.

> Nós, sendo portuguez (sic), é que, de modo algum, devemos deixar sem correcção a mais leve offensa ao caracter, nãosó dos nossos compatriotas, mas ainda ao dos brazileíros, para os quaes não teem, os filhos d›esta terra, motivo de serem ingratos.[22]

Dessa forma, a obra de Carrey apresentada aos leitores da língua portuguesa pelas mãos de Silva Vieira metamorfoseia-se num diálogo improvável e inusitado em que autor e tradutor findam plasmados, como que construindo uma nova narrativa. Desta forma, é possível argumentar que em poucos casos na história, a máxima "tradutor/traidor" fez tanto sentido.

Com efeito, Carrey vê Portugal como uma nação decadente e de futuro incerto, identificando tal situação como o resultado direto da corrupção, do descaso deseus administradores coloniais e da ação escorchante e predatória adotada ante a população da colônia que, cansada, revidou com o movimento emancipacionista, retirando de Portugal os meios de subsistir como nação de primeiro plano. Diz ele: "O Brazil, cansado de vegetar como colonia comprimida de uma nação decadente tinha modificado as suas idéas".[23] Indignado, Silva Vieira intervém na narrativa acusando o autor de má fé contra os portugueses:

> Não é provável que o auctor ignorasse tão completamente a nossa história, que não tivesse algum conhecimento das riquezas que ainda então possuíamos, e dos meios de que ainda dispunhamos. Na época a que se refere, estava ainda quasi todo de pé o exercito, a que os francezes tiveram de ceder o passo.[24]

Truculência, corrupção e descaso com a coisa pública são as posturas que, na interpretação de Carrey, constituem a principal herança portuguesa ao Brasil independente e é exatamente por isso que a quase totalidade de personagens luso-brasileiros aparece em seus romances associada a essas características negativas. Tais personagens perfaziam a burocracia estatal, indo de alto a baixo, do Presidente da Província ao fiscal da alfândega; ou eram comerciantes ou fazendeiros, descritos igualmente como inescrupulosos.

Aos personagens brasileiros, Carrey agrega o peso do estigma da cor, identificando nisso critério suficiente para definir suaausência de caráter e índole maléfica e turbulenta. Assim é Jonathan, um mulato de Marajó, que parece personificar o coletivo que dá nome ao título à obra. Carrey o descreve em termos contundentes: "Bandido sem escrupulos, carregado de crimes, capaz de tudo, sendo, além

22 CARREY, Emille. *Os mulatos do Marajó, op. cit.*, p. 5-6.

23 *Ibidem*, p. 138. Ainda na mesma página o autor conclui que "o colono portuguez, cançado d'impostos e compressão, desejoso de mudar de condição, ávido de pagar menos, tinha acceitado da sorte um novo senhor".

24 *Ibidem*, p. 138.

d›isso, extremamente estupido, dotado de força herculea, e dedicado a seu amo, como um cão de filla, por isso que (seu amo) lhe dava ossos para roer".[25]

Na narrativa de Carrey, nem a fortuna era capaz de redimir o brasileiro, mortalmente condenado pela impureza do sangue. Assim ocorre a um dos personagens da trama, a quem o autor chama de um "branco-mulato de terceiro sangue, que era doutor", ou ainda, mais simplesmente, de "mal--branqueado". Carrey argumenta que, como muito dos brasileiros do Pará, "o doutor, detestava os estrangeiros… escudando-se, sem cessar, num patriotismo mesquinho e estupido".[26] De sua índole e caráter, registra que tinha as piores qualidades: "era ávido, sensual, cruel por instincto e por inveja; ardente no mal como outros o são no bem".[27]

Silva Vieira, que desde logo via nos livros de Emille Carrey o "castigo do Brasil", mais uma vez sai em defesa dos habitantes da ex-colônia, argumentando ser o doutor "mal-branqueado" um tipo

> em que o autor inoculou todos os vícios, todos os ridículos, e todos os crimes, que envergonham e desonram a humanidade. [E acrescenta:] Vê-se claramente… que o autor se deixou cegar por um ódio particular contra os brasileiros…, apresentando-os como solidários em muitas das más qualidades d›este doutor, e descrevendo cenas em que a inverosimilhança é palpável a cada momento.[28]

Outro dado relevante está no fato de que nas narrativas de Carrey, os personagens luso-brasileiros estão, quase sempre, postos em relação à figura emblemática do francês Monford, cuja retidão de costumes, cordialidade, sabedoria e polidez, amplificam as distinções e a depreciação dos valores societários e culturais vigentes na colônia: Se o Doutor mal-branqueado espezinha seus escravos, fazendo-os mergulhar no mar, à exaustão, para reaver um arcabuz perdido; Monfort, irrompendo em meio a multidão escandalizada, intervêm na cena, cobre com seus recursos o valor do arcabuz, fazendo cessar, desta forma, o martírio dos negros; Se todavia, é o vigário do pequeno lugarejo que pretende vender uma de suas duas filhas, é novamente Monfort quem intervêm, comprando a jovem para a libertar em seguida.

---

25 *Ibidem*, p. 146.

26 Com efeito, em mais de uma passagem de suas obras Carrey percebe a utilização larga dada "estrangeiro" no Pará em plena Cabanagem, o que denuncia a permanência das tensões próprias do violento e opressivo processo de "adesão" do Pará ao recém criado Império do Brasil, ocorrido em 1823. Neste sentido, ainda segundo Carrey, "estrangeiro" significava, "na linguagem de Belém, os europeus ou americanos do norte e todos os brasileiros das outras províncias". Em outra passagem, um Juiz de Direito do Pará, contrariado por deliberações do Presidente da Província, afirmou que "de modo nenhum deixarei invadir as minhas atribuições por um estrangeiro do Rio de Janeiro". Por fim, Carrey põe na boca de um de seus personagens a seguinte afirmação: "É muito melhor ser estrangeiro do que Paraense! Mas estes senhores do Rio de Janeiro, entendem-se todos perfeitamente com os da Europa" (CARREY, Emile. *Os revoltosos do Pará*. Lisboa: Typografia do Futuro, 1862, p. 123 e 140).

27 CARREY, Emille. *Os mulatos do Marajó, op. cit.*, p. 151.

28 *Ibidem*, p. 150.

Achegas à parte é preciso reconhecer que a obra literária de Emille Carrey e as representações sobre a sociedade do Grão-Pará que ela encerra nos permite repensar, enquanto historiadores, nossas próprias representações. O olhar de Carrey traz um diferencial nada desprezível, na medida em que aborda os eventos a partir de um plano argumentativo menos compromissado com as estruturas de poder vigente no Brasil e no Pará, o que nem de longe significa o reconhecimento de uma postura de neutralidade por parte do autor.

Carrey expressa ressentimentos com o fracasso francês na disputa de espaços coloniais na América do Sul e seu desprezo aos portugueses é igualmente compreensível no âmbito das contradições da política internacional metropolitana. Remy Lucas sustenta que o autor, como agente colonial que era, expressava o desejo da adoção de uma política colonial agressiva na bacia do Oiapoque, que Carrey chamada de "nosso território injustamente contestado", enquanto lamentava que a França tivesse se esquecido de seu antigo domínio.[29] De resto, ressente-se das ações do colonialismo português durante a conquista de Caiena, fato que também aparece espelhado em sua obra literária.[30]

No quebra-cabeça colonialista de Emille Carrey, os índios frequentemente emergem idealizados como bons selvagens, como uma "raça de homens hospitaleira e meiga, com rosto e voz de mulher, que parece existir só para dormir".[31] Inversamente, o autor denuncia os portugueses como conquistadores sanguinários, acobertados por um silêncio sem razão.

Já se disse que a imagem positiva dos portugueses no trato com os índios, em contradição com a lenda negra[32] ostentada pelos espanhóis, derivava tão somente do fato de Portugal não ter tido um crítico ferino como Frei Bartolomeu de Las Casas.[33] Pois bem: Carrey deseja ser o Las Casas de Portugal! Todos lembram, afirma ele, das "carnificinas dos Cortezes e dos Pizarros", erguendo "na historia uma justa reprovação", mas "ignoram-se as frias crueldades exercidas pelos portuguezes, so-

29 LUCAS, Rémy. *Op. cit.*, p. 54.

30 A anexação prolongada de Caiena (1809-1817) impôs ao Grão-Pará sacrifícios que afetaram o conjunto da sociedade. Além da montagem de um "exército" por meio do recrutamento compulsório que atingia ferozmente a base da sociedade paraense, a expedição contra Caiena, retirando braços da produção de subsistência, contribuiu para desestruturar ainda mais a frágil economia local. Neste sentido, o depoimento de Antonio Baena não deixa margens para dúvidas: "O povo se queixa e murmura a eminência do preço da farinha de mandioca; a qual é devida a grande saca que dão para a conquista de Caiena a este precioso artigo de alimento do homem" (BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1969, p. 279).

31 CARREY, Emile. *Os revoltosos do Pará, op. cit.*, p. 319. Em outra passagem, a admiração de Carrey pelos índios volta a se manifestar: "Os índios professam uma philosophia incornprehensivel para os europeus, mas que tem a sua grandesa selvagem. O índio é o homem livre por excellencia; é elle quem presta o verdadeiro culto á liberdade; é elle quem sabe defendel-a até morrer... O europeo envolto no seu orgulho diz, falando dos indios: 'Raça estupida e condemnada que desapparece diante de mim". Certamente, é uma raça que desapparece, como desapparecerá a nossa; é uma raça que morre fugindo de nós, preferindo o deserto à civilisação, a morte à escravidão. Mas é a unica raça humana, que comprehende a verdadeira liberdade!" (CARREY, Emille. *Os mulatos do Marajó, op. cit.*, p. 141).

32 ELLIOTT, J. H. "A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII". In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol. 1: A América Latina Colonial. São Paulo: Edusp; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1998, p. 306.

33 LAS CASAS, Frei Bartolomé de. *O paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias*. Porto Alegre: L&PM, 1984.

bre os índios do baixo Amazonas, e das Guyannas".[34] Neste diapasão, em mais de uma oportunidade, Carrey colocou na boca de personagens índios a condenação às práticas dos portugueses na região, como quando um índio dá conselhos auma índia cuja filha lhe foi tirada: "Não digas nada na tua canoa; ha lá portuguezes, e os homens que levaram a tua filha são portuguezes também; má nação, que faz sempre soffrer os índios. Fecha, pois, a bocca para o branco".[35]

Mais uma vez a intervenção de Silva Vieira é enérgica e, neste caso, crivada de ironia:

> A asserção que o auctor põe na bocca d›este índio, acha-se desmentida não sei em quantas partes, pelos beneficias da civilização que os portuguezes, em todos os tempos, levaram ao centro das suas hordas barbaras. Leiam-se as cartas do padre Vieira, sobre o-Brasil, e ver-se-ha como os portuguezes faziam sofrer os índios, n›aquelles tempos em que ainda não grassavam as idéas de liberdade e d›egualdade deste seculo.[36]

A força do pensamento crítico do autor e seu relativo afastamento frente a posição dos grupos oligárquicos paraenses, fazem de sua obra um terreno fértil para *insigts* que a historiografia não deveria desprezar. Assim, com relação à Cabanagem, Carrey recusou-se a reduzir o movimento de rebelião unicamente à esfera das contradições políticas palacianas. Sem desconsiderá-las, conseguiu, pioneiramente, deslocar a ótica interpretativa para o campo mais adensado das contradições sociais vigentes no mundo amazônico.

Frente a muitas interpretações contemporâneas que tendem a ver na Cabanagem uma espécie de utopia socialista nos trópicos, em que os "oprimidos… assumem o poder e reinam absolutos, eliminando quase todas as formas de opressão, arrebentando com a hierarquia social…",[37] as descrições de Carrey apontam para a Cabanagem como um movimento multifacetado e autofágico,[38] em que diversos grupos sociais, em especial os constituídos por escravos negros e por populações indígenas agregadas violentamente à estrutura colonial paraense, viram-se entregues à própria sorte. Para ele, a Cabanagem assemelhava-se a uma verdadeira guerra civil, mas, continua:

> Uma guerra civil segundo os costumes da America do Sul; uma guerra muito differente das que se fazem na Europa. Só os homens brancos e mulatos tinham nella tomado parte directamente. Os negros conservavam-se escravos como dantes; porque vencedor ou vencido, cada um tinha o maior cuidado em conservar os seus escravos, combatendo todos em nome da liberdade.

---

34 CARREY, Emile. *Os revoltosos do Pará, op. cit.*, p. 319.

35 CARREY, Emille. *Os mulatos do Marajó, op. cit.*, p. 241.

36 *Ibidem*, p. 241, nota.

37 CHIAVENATO, Júlio José. *Cabanagem: o povo no poder*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 12.

38 Foi esta dimensão que busquei explorar em: PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Nos subterrâneos da revolta: trajetórias, lutas e tensões na Cabanagem*. Tese (doutorado em História) – PUC-SP, São Paulo, 1998.

> Quanto aos índios selvagens, formavam como sempre, um mundo à parte. Fatigados por se verem chamados e incommodados por um ou outro dos dois partidos; indifferentes àquellas luctas que não tinham nada com as suaspaixões ou com a sua vida, retiravam-se cada vez mais para ointerior, abandonando as margens do Amazonas e asvisinhanças de Belem, focos da guerra civil.[39]

Se em Carrey a ação rebelde de índios e negros na Cabanagem é reativa e como que legitimada pelas ações de franca opressão, o olhar de seu tradutor, Silva Vieira, é despojado de tais escusas e remete para uma leitura do movimento pelo viés do banditismo – supostamente inerente às massas populares – e do ódio racial[40] aos portugueses:

> A "cabanagem" teve origem no Brazil no tempo em que aquele paiz se tornou independente. Como é sabido, foram muitas e muito para lamentar as acenas de violencia que alli se deram, especialmente em Pernambuco, contra os portugueses. Felizmente, para honra d'aquelle imperio, os perpetradores d'essas violências, eram sempre individuos cujo caracter e costumes os lançam fóra da lei, tanto alli, como emtoda aparte, eram, n'uma palavra, a espuma d'aquella sociedade. Esses homens é que começaram a ser designados pelo nome de "cabanos". Mas, passadas essas epochas de lucta, coutinuaram sempre a dar a mesma denominaçãoa todos que, em politica, expendem idéas exaltadas e desordeiras, e que optam de contínuo pelas medidas violentas.[41]

O relato de Carrey chama ainda a atenção pela arguta leitura que faz da sociedade paraense pós Independência, denunciando-a como hierarquizada, espoliativa e prenhe de mazelas e vícios. Suas avaliações sobre a dinâmica comercial do Pará, por exemplo, não descuram de localizar, para além do comércio regular, o contrabando, que apresenta como disseminado em toda a Província e favorecido pela franca colaboração de autoridades corruptas.[42]

Deslocando frequentemente o olhar da política e da economia, Carrey mergulha constantemente na estrutura social paraense e suas observações alcançam dimensões e temas que tanto atraem

39 CARREY, Emille. *Os mulatos do Marajó, op. cit.*, p. 140-141.

40 Contemporânea das edições de Carrey em Portugal, a obra literária de Francisco Gomes de Amorim, eminente escritor português com larga passagem pela Amazônia, seguirá este viés explicativo, como se pode ver em: AMORIM, Francisco Gomes. *Ódio de Raça*. Lisboa: Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869.

41 *Ibidem*, p. 135, nota.

42 Em *Os Revoltosos do Pará*, Carrey ilustra a banalização do contrabando no interior da sociedade paraense a partir de uma sequencia de brindes entre o comandante francês do navio e o chefe de polícia paraense, a quem Carrey nomina de "contrabandista-magistrado". Enquanto o primeiro, com ironia, lançava um brinde aos "direitos da alfandega, por serem elles quem davam vida aos contrabandistas, o digno magistrado, confundindo os sem deveres com a sua profissão, gritou com voz de stentor: *Viva* o *contrabando!* e contou em seguida historias capazes de fazer pegar em armas todos os guardas de alfandega do Brazil desde o Amazonas até ao Rio da Prata" (CARREY, Emile. *Os revoltosos do Pará, op. cit.*, p. 66-67).

hoje a atenção dos historiadores. É o caso, por exemplo, das diversas observações que faz sobre a vivência feminina, em geral confrontada com valores e práticas que articulavam, à época, as relações de gênero no universo cosmopolita europeu. Assim, Carrey denunciou em suas obras o arcaísmo das relações de gênero no Pará, como quando expos o lamento de uma senhora local diante de sua visitante francesa:

> — Se a senhora soubesse como somos infelizes! Li num livro francês, que as senhoras francesas saem sós e recebem as suas amizades como lhes agrada. Nós, nunca. Somos sempre acompanhadas por um ou dois escravos; e não podemos receber pessoa alguma senão na presença dos nossos maridos. [Estes] São de tal modo ciosos, que até nos proíbem de chegarmos às janelas. Comemos sempre sós, à parte, com as nossas escravas.[43]

Com efeito, a vivência feminina no Pará e o ferrenho controle patriarcal que sobre elas recaia, limitando seu transito na cena pública, ou mesmo, impondo-lhes frequentemente a clausura, nos permite pensar situações em que as relações escravistas escorriam para o interior das relações familiares e, paradoxalmente, isso parece ser mais verdadeiro, quanto mais para o topo da pirâmide social desloquemos nosso olhar. É ainda a personagem brasileira de Carrey quem nos faz perceber tais dimensões, quando argumenta: "Vivemos sempre fechadas, reclusas e cheias de temor. O nosso único prazer consiste em fazer falar as nossas escravas, que nos contam tudo o que se passa na cidade".[44]

Tanto quanto a espoliação do índio ou a opressão feminina, a escravização do negro suscitou em Carrey diversas observações, indo desde a denúncia da virulência dos castigos corporais à abordagem da resistência coletiva, como a descrição da montagem e do funcionamento dos mocambos paraenses e suas complexas relações com a sociedade escravista e com os comerciantes portugueses em particular.

Pelos romances de Carrey, "os mocambos são numerosíssimos nas solidões amazonianas" e seus personagens relatam a estruturação e a destruição de um deles, nos arredores de Belém, que contava, em sua avaliação, com pelo menos 30 negros, incluindo mulheres e crianças. No dizer do autor, tratava-se de um mocambo "pouco numeroso, pouco aguerrido e formado por negros recentemente fugidos".[45]

Não apenas a presença de mocambos se faz presente na obra literária de Carrey, como também aponta para uma dimensão igualmente identificada por Tavares Bastos[46] poucos anos depois,

43 *Ibidem*, p. 226-227. Em outra passagem, Carrey argumenta que: "Sob o Equador não succede como na Europa. Ali tudo se apressa e desapparece rapidamente, a vida como a morte. Tudo cresce a olhos vistos, mas tudo morre; tudo volta para a terra pelo mesmo modo, como se tudo tivesse pressa de ser absorvido para logo renascer. As meninas são mulheres aos doze annos, mas aos trinta são velhas" (CARREY, Emille. *Os mulatos do Marajó, op. cit.*, p. 362).

44 CARREY, Emile. *Os revoltosos do Pará*, *op. cit.*, p. 227.

45 *Ibidem*, p. 230.

46 Com efeito, Tavares Bastos relatou que "os negros cultivam mandioca e o tabaco (o que eles vendem passa pelo melhor); colhem a castanha, a salsaparrilha etc. Às vezes descem em canoas e vêm ao próprio porto de Óbidos, à noite, comerciar

e que trata da relação frequente dos mocambeiros paraenses com os comerciantes locais, em sua maioria portugueses.

Assim, um dos personagens de *Os Revoltosos do Pará* comenta, durante um jantar no Palácio do Governo, que toda a organização repressiva estruturada pelo Presidente da Província para atacar um mocambo no Rio Capim teve que ser realizada no mais estrito sigilo, para que os mocambeiros não fossem "prevenidos pelos escravos da cidade, e sobretudo pelos portugueses". Como esta última menção causou espanto em seus interlocutores, o autor apressou-se a explicar:

> — Sim, os lojistas daqui são todos portugueses, e como estes homens não tem senão um deus, o lucro, a maior parte deles negociam com os mocambos. Os negros fugidos que formam estes asilos, dão-se muito à agricultura; em épocas incertas, sempre de noite, descem alguns deles o rio, em cujas margens tem as suas habitações, vem secretamente à cidade e vendem seus gêneros aos lojistas, que lhes dão em paga, pólvora, chumbo, fazendas, cachaça, etc. Os portugueses exploram-nos tanto no que lhes compram como nos gêneros que lhes dão em troca. Os negros que tem a maior pressa de retirarem, aceitam tudo e voltam para o seu asilo.[47]

Ele é também pioneiro em mostrar o dinamismo econômico destes mocambos, apresentando-os não como comunidades autossuficientes e fechadas em si mesmas, mas como capazes de desenvolver estratégias e vínculos com a economia e a sociedade colonial. Assim, conta-nos em uma passagem de *Os Revoltosos do Pará*:

> Os negros fugidos que formam estes asilos dão-se muito à agricultura; em épocas incertas, sempre de noite, descem alguns deles o rio, em cujas margens têm as suas habitações, vem secretamente à cidade e vendem seus gêneros aos lojistas, que lhes dão em paga, pólvora, chumbo, fazendas, cachaça, etc. Os portugueses exploram-nos tanto no que lhes compram como nos gêneros que lhes dão em troca. Os negros que tem a maior pressa de se retirarem, aceitam tudo e voltam para o seu asilo.

É exatamente pela sua qualidade de arguto observador da realidade Amazônica e pela força das críticas que suas obras encerram que consideramos descabido e despropositado o silêncio que ainda paira sobre sua obra. Assim, retomar Emille Carrey é abrir a possibilidade para ver a Amazônia por um prisma inusitado e inovador.

às escondidas; com os regatões que sobem o Trombetas eles o fazem habilmente. Diz-se que também permutam com os holandeses da Guiana os seus produtos por outros, e principalmente pelos instrumentos de ferro e armas" (*apud* SALLES, Vicente. *O negro no Pará: sob o regime da escravidão*. 2ª ed. Belém: Secult, 1988, p. 236).

47 *Ibidem*, p. 231.